

Novas perspectivas sobre a Teoria do Campo Analítico^[1]

Giuseppe Civitarese^[2]

RESUMO: O autor propõe inovações na Teoria do Campo Analítico a partir da consideração de algumas duplas binárias de conceitos, tais como *reconhecimento/arrogância*, *Eu-você/Nós*, *deformação/transformação*, *leigo/confessional*, *interpretação/conversa*, *automal-entendido cientificista/religioso*, *fatores variáveis/invariantes da função psicanálise*, *eu-grupo/eu-massa*, *exercícios/improvisação* e assim por diante. Para articular essas oposições conceituais em uma espécie de esquema pessoal, propõe três instrumentos: a *bússola do inconsciente*, o *triângulo dos vértices de escuta* e o *círculo da Capacidade Negativa*. No presente artigo, procura examinar os principais pontos dessas suas proposições, incluindo exemplos clínicos ilustrativos.

PALAVRAS-CHAVE: campo analítico, reconhecimento, transformação, invariantes da psicanálise, bússola do inconsciente

1. Trabalho original intitulado “Nuove prospettive sulla Teoria del Campo Analitico”, apresentado no dia 11 de maio de 2024 no evento *Conversa com Giuseppe Civitarese*, promovido pelo Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP). Tradução de Patrizia Cavallo.

2. Psiquiatra e psicanalista. Doutor em psiquiatria e ciências relacionais. Analista didata da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI). Membro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e da Associação Americana de Psicanálise (APSA).

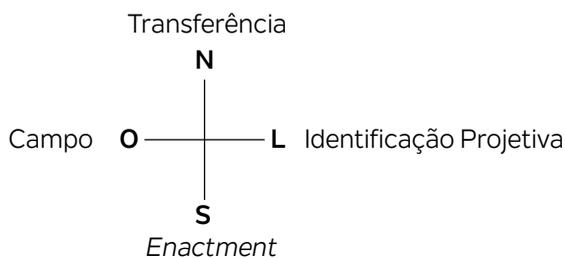
As inovações que introduzi na Teoria do Campo Analítico (TCA) giram em torno de algumas duplas binárias de conceitos, tais como *reconhecimento/arrogância*, *Eu-você/Nós (we-ness)*, *deformação/transformação*, *leigo/confessional* (em referência à concepção do inconsciente), *interpretação/conversa*, *automal-entendido cientificista/automal-entendido religioso* (da psicanálise), *fatores variáveis/invariantes da função psicanálise* (a “função PA” de Bion), *eu-grupo/eu-massa*, *exercícios/improvisação* e assim por diante.

Para articular essas oposições conceituais em uma espécie de esquema pessoal, criei três instrumentos simples: a *bússola do inconsciente* (Civitarese, 2023a, 2023b, 2023c), o *triângulo dos vértices de escuta* e o *círculo da Capacidade Negativa*. É impossível examinar todos de forma exaustiva, mas tentarei abordar os seus principais pontos.

A bússola do inconsciente

O campo analítico representa um dos principais paradigmas da psicanálise contemporânea, sendo alvo de interesse e consenso crescentes. Insere-se em um contexto que apresenta elementos tanto de continuidade quanto de ruptura em relação aos paradigmas mais consolidados, como o modelo clássico, o kleiniano e o relacional, entendido de forma ampla.

Figura 1 – A bússola do inconsciente



Fonte: Elaboração própria.

Se imaginarmos nosso trabalho clínico cotidiano orientado por uma bússola, poderíamos colocar a transferência ao norte, a identificação projetiva (IP; e, conseqüentemente, a contratransferência) a leste, o *enactment* ao sul e o campo a oeste. Avançando no sentido horário, encontramos os principais instrumentos conceituais empregados pelos analistas para apreender o significado inconsciente da conversa analítica.

O objetivo dessa pequena invenção é também o de combater o estereótipo da assim chamada “Babel da psicanálise”. A confusão surge apenas para aquelas pessoas que deixam de aprofundar ou que não entendem plenamente a própria natureza da psicanálise, que não pode ser igualada a uma ciência exata como a física – e, felizmente, não é mesmo igual, caso contrário não seria capaz de investigar a própria essência da humanidade. A psicanálise é, na verdade, uma disciplina hermenêutica

com implicações práticas e, como tal, por ser uma ciência humana, está submetida a regras tão rigorosas quanto aquelas das chamadas ciências básicas. Simplesmente não é possível falar o que vem à mente, como, por exemplo, se estivéssemos falando de Merleau-Ponty. É parecida com a filosofia: continuar conversando com Platão ou Espinosa representa uma confusão das línguas ou uma enorme riqueza?

Deformação/transformação

Os instrumentos da nossa bússola imaginária compartilham o desejo de delinear gradientes crescentes de envolvimento inconsciente do analista no processo terapêutico. Contudo, um *salto quântico* é evidente entre os três primeiros paradigmas e o quarto, pois os três primeiros enfocam ainda o conceito de deformação (*Entstellung*): a transferência (*como você me vê*), a IP (*como você me faz sentir*) e o *enactment* (*o que você me faz fazer*). Essas perspectivas teóricas são legítimas e persuasivas, mas permanecem dentro do contexto da separação Eu/Você e do *inconsciente-inferno*. O quarto paradigma, por outro lado, gira em torno do conceito bioniano de transformação e de *inconsciente-função*.

O conceito de transformação pressupõe que o analista considere a ação terapêutica como um processo centrado no desenvolvimento da relação com o paciente. O enfoque não é mais a aquisição de conhecimentos, mas o *tornar-se* e o *ser* (Ogden, 2019). Isso pode ser expresso de várias formas: a construção de novos laços, a expansão das funções de pensamento, o desenvolvimento do continente psíquico e o crescimento da capacidade da dupla analítica (e, assim, “automaticamente” de cada membro!) de atribuir um significado o mais pregnante possível às experiências emocionais vividas juntos, isto é, que estão diante dos olhos de ambos.

Eu-grupo/Eu-massa

Neste processo, cada indivíduo fortalece a si mesmo, resultando em maior autenticidade na existência – termo que resume o sentimento de vitalidade como a medida do quanto alguém “existiu” em relação aos outros. Assim, as conexões causais entre eventos traumáticos passados e comportamentos do paciente na sala de análise ficam em segundo plano. Segundo Bion e os autores da TCA, prestar atenção a esses aspectos é legítimo, mas pode prejudicar o uso (da bússola) do inconsciente para entender o que está acontecendo no “aqui e agora”, desde que se queira seguir a direção oeste (do Velho Oeste, como faz Bion quando “foge” simbólica e factualmente de Londres para Los Angeles).

Automal-entendido cientificista/automal-entendido religioso

Com certeza existe confusão para aqueles que vivem a psicanálise como uma religião e precisam se agarrar a dogmas, o que não pode ser atribuído apenas a certas personalidades ou a disfunções específicas em determinados contextos. A questão é mais profunda, pois diz respeito à inclusão nas teorias de categorias morais que

produzem e justificam o perigoso binômio *ortodoxia/heresia*, que tem a tendência de transformar as instituições psicanalíticas em verdadeiras seitas.

É suficiente lembrar que, para Freud, o inconsciente é uma “alteridade maligna (*evil other*)” (Terman, 2014),^[3] “um caos, um caldeirão de excitações em ebulição” (Freud, 1932/1979a, p. 185), uma região assombrada por “uma massa alegre e destrutiva” (Freud, 1932/1979b, p. 311), que se revela na “imoralidade dos . . . sonhos” (Freud, 1899/1967, p. 564) e no “*demoníaco* que proporciona o desejo do sonho” (p. 558). Em outros trabalhos, Freud fala do elemento “indomável . . . indestrutível . . . demoníaco” (p. 558) do inconsciente, apresentando uma imagem do homem como “fera humana” (Freud & Andreas-Salomé, 2010, p. 73) ou “fera selvagem” (Freud, 1929/1978, p. 599), que só pode ser domada. Ainda mais pessimista e inexorável é a teoria kleiniana da inveja primária, sendo ela considerada, não à toa, um dos sete pecados capitais.^[4]

A esse respeito, Abram e Hinshelwood (2018) observam que

Edward Glover e Elizabeth Zetzel . . . se referiram à teoria do “mal” de Klein como algo equivalente à crença religiosa no “pecado original” . . . Winnicott e muitos outros seguiram essa visão [de Glover e Zetzel] . . . [Os escritos de Klein], juntamente com os de muitos kleinianos, transmitem a convicção de que a criança nasce com um mal inato devido ao “instinto de morte inato”. Trata-se de uma afirmação bastante literal. . . esse “mal inato” é um aspecto da fantasia inconsciente inata. (pp. 124-128)

Nos seus trabalhos sobre a história da loucura e da sexualidade, Foucault^[5] explorou com acuidade esse fundamento obscuramente “religioso” ou ideológico, podendo ser considerado estrutural em algumas manifestações da psicanálise passada e contemporânea. É desse elemento, reitero, que derivam as práticas de excomunhão e expulsão dos “heréticos”, juntamente com uma série de distorções “eclesiásticas” bem renomadas no âmbito das instituições psicanalíticas. Se as problemáticas decorrentes dessa forma de conceber a psicanálise não forem enfrentadas, ou se continuarem a ser objeto de críticas esporádicas *sem estudar em profundidade as razões intrínsecas a certos aspectos essenciais das próprias teorias*, é fácil prever a progressiva marginalização da psicanálise nas áreas da cultura, da ciência e da saúde.

3. Todas as citações neste texto foram traduzidas diretamente do original em italiano referenciado pelo autor, de forma que o ano e o número das páginas indicados sempre se referem à obra original consultada pelo autor do texto. (N.T.)

4. Nem seria necessário especificar que não me refiro aos respectivos paradigmas ou modelos, que considero legítimos e parte do patrimônio comum e da intertextualidade característica da disciplina. Limito-me a destacar alguns de seus aspectos extremamente pervasivos – que são, no meu parecer, problemáticos – e, de forma geral, antiterapêuticos.

5. Cf. Switzer (2014): “Na obra de Foucault . . . a psicanálise é apresentada como uma ciência positivista exemplar, sendo criticada como tal pela sua implícita continuação da avaliação moral da loucura do início da modernidade” (p. 411). Mais adiante: “a história da psicanálise revela que o analista freudiano nada mais é do que a versão moderna da autoridade moral clássica” (p. 414). É preciso dizer que, embora Foucault tenha criticado a teoria freudiana da sexualidade, ele admirava o Freud que instituiu a centralidade do sonho e a lógica do inconsciente.

Leigo/confessional

Apesar de tudo, a notícia confortante para aqueles que compartilham do meu ponto de vista é que, cerca de 70 anos atrás (!), dois dos quatro autores mais geniais da história da psicanálise, Winnicott e, depois, Bion – que já tinha se afastado da órbita kleiniana –, livraram por inteiro a psicanálise dessa espécie de “pecado original”, reformulando a metapsicologia freudiana e kleiniana a partir de bases bem diferentes, finalmente e completamente “leigas”. É suficiente mencionar a definição do inconsciente como função psicanalítica da personalidade, proposta por Bion (1962), e a substituição, por parte de Winnicott (1968/2016) no seu trabalho clássico sobre uso do objeto, do conceito “neutro” de destruição por aquele kleiniano de inveja. O mesmo significado assumiu o fato de Bion ter redirecionado o enfoque de Édipo, passando do incesto e do parricídio para o episódio da Esfinge (Civitarese, 2021a, 2021b, 2022).

Três anos depois da “fuga”, em *Cogitações*, Bion (1992) escreve uma “fábula”: ele imagina um historiador do futuro que, 300 anos após o ano 30070, tenta reconstruir, com base em “parcos vestígios remanescentes”, um passado distante em que

a prática da religião estava regulada por uma hierarquia especial. Essa organização foi assumida e tornada mais complexa – mas, de qualquer forma, *quase sem verdadeiras mudanças – pela nova religião, à qual foi atribuído o nome de ciência. . . .* o termo “ritual” foi substituído por “científico”. Naqueles tempos, a hierarquia tinha o hábito de caçar e destruir qualquer sinal de crescimento potencial. . . . *a nova religião tinha triunfado e se estabelecido como a “ciência da psicanálise”, com a sua hierarquia firmemente capaz de controlar as coisas e com o seu ritual “método científico” sendo codificado e reconhecido como a marca registrada da Nova Era. . . .* parece que as regras da pesquisa psicanalítica – que eram rigidamente aplicadas para que nenhuma brecha pudesse ser aberta nos fundamentos do que era já conhecido e descrito como “história” – começaram a sofrer ataques inexplicáveis e ameaçadores. Um dos encrenqueiros, chamado Smith, parece ter causado muitos problemas às autoridades. (p. 328, destaques nossos)

Variáveis/invariantes da função psicanálise

Os elementos comuns a todos os tipos de psicoterapia definidos como psicanalíticos, as chamadas “invariantes”, não podem residir em conceitos específicos das doutrinas que não são compartilhados por todos, como seria o caso, por exemplo, de uma determinada interpretação do conceito de sublimação, de pulsão ou de sexualidade. A meu ver, as únicas invariantes realmente comuns são a *análise pessoal*, o *setting*, o *conceito de inconsciente* e a *dimensão da escrita* (Civitarese, 2024a, 2024b, no prelo).

O inconsciente como função psicanalítica da personalidade e o sonho da sessão

Embora a psicanálise tenha sempre rejeitado o realismo ingênuo que permeia a vida cotidiana, provocando desde seu início certa perplexidade por postular

processos inconscientes da mente, fica evidente que muitas formulações freudianas foram assimiladas e aceitas também na cultura popular, não sendo mais percebidas como contraintuitivas.

Por outro lado, muitos terapeutas experientes acham alguns postulados da TCA extremamente contraintuitivos e difíceis de entender. Por exemplo, é difícil aceitar a ideia de que o inconsciente não cesse de falar, assim como o fato de não ser mais possível sustentar uma distinção entre a relação real e aquela infiltrada pelo fantasma. Contudo, se isso for aceito, então tudo aquilo que é dito na conversa analítica pode ser sempre ouvido potencialmente no seu significado inconsciente, inclusive os relatos referentes a eventos reais e traumáticos.

O inconsciente relacional/terceiro

Ainda mais contraintuitiva é a ideia de que, nesse processo contínuo de construção de sentido e significado, seja difícil, no plano inconsciente, distinguir a participação do analista daquela do paciente e vice-versa.

Muitas pessoas acham árduo entender que o conceito de campo é inerentemente gestáltico, holístico e sistêmico. A adoção desse conceito deriva precisamente do desejo de considerar o conjunto das relações estabelecidas entre elementos de diferentes ordens, deixando de lado o significado individual de cada um deles. O analista, em vez disso, concentra sua atenção na intuição das propriedades emergentes desse “todo”.

No contexto clínico, tal princípio se traduz na importância técnica de considerar cada comunicação não apenas como uma manifestação contendo um valor inconsciente, dirigida de uma pessoa para outra, mas também como uma comunicação inconsciente *cocriada* ou *coproduzida* pela dupla analítica. A dupla é constantemente vista como se autointerpretasse e “sonhasse” consigo mesma na existência, com um movimento *centrípeto* que visa atingir níveis cada vez mais profundos de intimidade, segurança e mútua confiança. Esses sentimentos são então refletidos na confiança em si mesmos, tornando o mundo interior um “lugar seguro” (conceito de Winnicott), uma espécie de morada.

Eu/Nós

O obstáculo principal reside na passagem de uma visão Eu/Você a uma efetiva visão de campo (Civitarese, 2023a, 2023b, 2023c, 2024b). Recentemente tentei superar a dificuldade que, às vezes, encontro ao trabalhar em termos de campo analítico e ao ensiná-lo, destacando cada vez mais o significado do Nós em vários planos. Como todo modelo de psicoterapia deve se apoiar nas três pernas de uma ontologia (ou psicologia) do sujeito, uma técnica de tratamento e uma teoria da observação, compreendemos bem que o Nós pode ser colocado em qualquer um desses eixos, entrelaçados, mas distintos. Conforme o caso, o Nós será: (1) o que eu quero fazer, ou seja, o entrelaçamento do Eu com o Nós, algo que, como afirma Hegel, constitui o tecido psíquico do

sujeito; (2) como chego lá, ou seja, por meio de momentos de sintonização emocional (*at-one-ment*, uníssono etc.); (3) como reúno as informações que me fazem intuir como as coisas estão indo, isto é, o Nós como visão holística ou de campo.

A dificuldade se manifesta também nas vinhetas clínicas dos *campistas*^[6] de primeira classe. Muitas vezes essas representações clínicas sugerem um tipo de escuta relacional em que as figuras do analista e do paciente são ainda consideradas distintas. Embora a TCA represente uma consequência lógica dos desenvolvimentos da psicanálise, na qual o analista é cada vez mais considerado como profundamente envolvido no processo analítico, estamos ainda presos no círculo do Eu/Você.

É verdade que não continuamos na perspectiva desconfiada de quem faz o quê a quem, de forma mais ou menos perversa, com o analista e o paciente consciente ou inconscientemente engajados em manipular um ao outro, pois o que está na base agora é o postulado do inconsciente como *dispositivo de criação do significado* e a técnica de transformação em sonho – os dois pilares sobre os quais se funda qualquer teoria do campo inspirada em Bion. Entretanto, ainda não chegamos realmente ao campo entendido como Nós. Falar em “Nós” envolve uma escuta autêntica de campo, evitando a troca habitual de frases entre analista e paciente como se fosse um jogo de pingue-pongue (“eu falei isso . . . então o paciente lembrou do King Kong” – não, ambos lembraram do King Kong!).

Repito, as duas abordagens (*campo “básico” do Eu/Você e campo “avançado” do Nós*) podem ser consideradas de campo, uma vez que o inconsciente não é mais considerado o lugar principal do mal e da imoralidade, conforme a concepção freudiana, ou o lugar da inveja, com base na concepção kleiniana. É por isso que a TCA oferece a possibilidade de uma refundação ética da psicanálise, abandonando de forma definitiva a escuta suspeita (Momigliano, 1992; Ricoeur, 1965) e evitando, assim, o risco de assumir conotações confessionais ou ideológicas. Isso já acontece no campo A, no qual vigora a separação Eu/Você, e ainda mais se adotarmos a perspectiva radical do “Nós”.

Interpretação/conversa

A escuta do analista segue o modelo da *alegoria*: existe um plano manifesto que, diferentemente da metáfora, é completamente autônomo, e um plano latente, que só pode ser captado quando se dispõe dos códigos interpretativos adequados. A terapia se desenvolve, sobretudo, por meio da interpretação silenciosa do analista, que, com frequência, permanece implícita. Enquanto escuta, o analista se entrega ao paciente e a si mesmo na capacidade compartilhada de retratar a experiência emocional (o inconsciente como função psicanalítica da personalidade e como infinito). Isso, por si só, é terapêutico. O analista encontra-se também mais envolvido e vital, deixando-se guiar pela bússola do inconsciente, não para *fornecer interpretações*, mas para se engajar em uma *conversa* significativa para ambos.

6. Neologismo traduzido literalmente do italiano, por meio do qual o autor se refere aos psicanalistas que trabalham com a perspectiva do campo. (N.T.)

Portanto, na minha opinião, o campo analítico representa um salto quântico. Diferentemente dos três primeiros modelos, ele supera a separação entre sujeito e objeto, entre mente e corpo. Um dos exercícios mais úteis que eu sugiro é substituir os pronomes correspondentes a “paciente” e “analista” pelo pronome “Nós”. O efeito é surpreendente. Assim, para mim, a perspectiva do Nós é uma maneira de tentar dar uma ideia rigorosa do campo analítico e fazer com que seu significado e seu funcionamento holístico sejam plenamente entendidos.

Resumindo, quem está falando – tanto o paciente quanto o analista, seja numa associação, numa lembrança, seja numa *rêverie* do analista, explícita ou implícita – é sempre como se fosse o porta-voz do coro grego (Civitarese & Boffito, 2023), representado pela dupla analítica. Não importa quem é o corifeu, e sim os conteúdos manifestos que podemos imaginar como se escritos por um único autor representado pela dupla analítica.

Pensando em termos do Nós, torna-se inevitável, para o analista, assumir a própria parte de responsabilidade pela qualidade emocional do vínculo, isto é, do *pressuposto básico* da dupla inferido pelos relatos da análise (não apenas palavras, mas também ações, sensações etc.). Na verdade, mais do que o relato em si, que pode variar bastante e envolver personagens infinitas, é importante considerar a emoção subjacente, que funciona de forma essencialmente binária, entre amor (L) e ódio (H). A diferença entre as duas maneiras de se relacionar é evidente: uma favorece o crescimento psíquico, ao passo que a outra tem o potencial de destruí-lo, embora um pequeno passo para trás seja, às vezes, necessário antes de poder avançar (Civitarese, 2020, 2021a, 2021b).

Exercícios/espontaneidade

Apesar da extrema coerência e da lógica desses princípios, que representam desenvolvimentos necessários da teoria psicanalítica, aplicá-los ao trabalho clínico continua sendo problemático. Muitas vezes os analistas consideram difícil aceitar para si mesmos o que aceitam facilmente para seus pacientes, ou seja, a possibilidade de experimentar emoções inconscientes.

A pergunta crucial que frequentemente recebo, e que de certa forma revela um impulso de “fazer” em lugar de escutar e intuir, é a seguinte: “tudo bem, supondo que as coisas estejam assim ou que possam ser vistas a partir dessa perspectiva, o que o senhor diria ou teria dito ao paciente na situação clínica específica de que estamos falando?”.

Tal dificuldade em ensinar e aprender a TCA levou-me à necessidade de inventar uma série de exercícios que pudessem ajudar a tornar seus princípios mais familiares. Ao longo do tempo, para simplificar um pouco, tentei desenvolver instrumentos muito simples para transmitir o sentido de uma clínica extremamente vital e criativa, mas que exige, sem dúvida, certa agilidade mental e a capacidade de se questionar.

Portanto, citarei alguns dos exercícios que considero mais úteis, por exemplo: (1) atribuir um título a uma sessão (é necessário para identificar, por assim dizer, o afeto

predominante e o clima emocional – *que tempo faz* – em uma sessão); (2) resumir uma sessão inteira em, no máximo, duas linhas (agir assim obriga-nos, de certa forma, a perceber se ocorreram transformações e de que ordem); (3) substituir os outros pronomes pessoais por “nós”; (4) pedir, no relato da sessão levado à supervisão, para que sejam feitos comentários entre parênteses e em itálico acerca do que está acontecendo a partir de uma ótica de campo (os itens 3 e 4 servem para se obrigar a uma verdadeira escuta de campo); (5) fazer a lista das personagens e dividi-las em primárias, secundárias e “ocultas” (ajuda-nos a transformar em sonho e a permanecer na dimensão da metáfora ou do jogo); (6) marcar as intervenções do analista com base no acrônimo Screma, ou seja, Sonho, Coro-grego, *Rêverie*, Emoção, Metáfora, Alucinose (oferece uma bússola não sobre como escutar, mas sobre como falar ao paciente); (7) adivinhar *quem* está falando em uma conversa sem identificação, como A por analista e P por paciente (é útil para prestar atenção ao estilo da expressão, se seria simples, direto, humano ou contendo jargões – idealmente, não deveria ser possível reconhecer com facilidade quando se trata do analista ou do paciente); (8) trocar as páginas do relato da supervisão invertendo a ordem da leitura (obriga-nos a perceber que, se quisermos nos definir como psicoterapeutas de orientação psicanalítica, então não é possível ignorar a receptividade ao discurso do inconsciente – sempre considerando como óbvias as outras duas invariantes da *análise pessoal* e do *setting analítico*, uma espécie de uso consciente da transformação em alucinose); e (9) pedir para que se percorra a bússola do inconsciente no sentido horário, observando de que forma escutaria e o que diria um analista clássico, kleiniano, relacional, *campista* etc.

Este último exercício é extremamente útil, pois acostuma os alunos a perceber que, na psicanálise, existem vários paradigmas – basicamente quatro –, que se desenvolveram um a partir do outro, e que há elementos que os unem e outros que os diferenciam. Além disso, todos são legítimos, assim como é legítimo discutir (com adversários, não com “inimigos”) acerca de qual deles parece nos dar mais informações, sempre com base em nossa ideia de ação terapêutica. O hábito de falar mais de uma língua só pode promover o diálogo e evitar fechamentos ideológicos ou sectários. Acima de tudo, agir assim nos torna terapeutas mais conscientes, capazes de explicar como e por que fazemos determinada coisa.

Figura 2 – O círculo da Capacidade Negativa



É claro que todas as coisas que acabo de listar também são aquelas que *absolutamente não devem ser feitas durante o trabalho com o paciente*. A razão é simples: seria impossível observar o outro princípio-chave enunciado por Bion e adotado pela TCA, qual seja, a Capacidade Negativa (Civitarese, 2019). Os exercícios, como faz um músico que repete incessantemente um trecho difícil, são necessários para dominar a técnica e internalizar o método, mas o objetivo final é chegar ao nível máximo de espontaneidade. Não existe outra maneira de aprender a não ser por meio de muitos exercícios. Forçar-se a esse tipo de tradução e decifração é bem diferente do que acontece e se espera na sessão, na qual deveria prevalecer a capacidade do analista de ter perspectivas que precisam ser redescobertas a cada vez, ou melhor, a partir das quais é preciso se deixar redescobrir.

Nos últimos tempos, quando alguém afirma que é muito difícil, eu o convido a se concentrar no estudo do piano, do violoncelo ou até mesmo da flauta. Depois de aprender a tocar um desses instrumentos, sugiro que volte. Só então falaremos novamente sobre psicanálise e teoria do campo, sobre como é difícil e como se pode aprender a trabalhar com isso.

O divã como objeto bizarro

S. recusa-se categoricamente a usar o divã, apesar de fazer uma análise de quatro sessões por semana. Além disso, pediu ao analista que se dirigisse a ela usando o “você”. O analista aceitou, mas considera as sessões extremamente cansativas. Sente-se como se estivesse sob o controle de “seis pares de olhos”.

A vinheta poderia ser lida como uma forma de S. fazer com que o analista viva e possivelmente transforme aspectos de si que são intoleráveis. Esses aspectos têm a ver com a incapacidade catastrófica da mãe, a partir do nascimento, de conter suas angústias. Uma hipótese correta poderia ser de que a paciente precisa se agarrar ao analista, fazendo isso de várias formas, entre as quais impedir que ele trabalhe na relativa situação de privacidade (Ogden, 1996) garantida pelo uso do divã.

Contudo, para fazer um exercício, se colocássemos o pronome Nós onde consta “S.”, “analista” e “mãe” acabaríamos tendo uma história diferente, talvez mais “profunda”. Algo assim: *usamos o você desde o início, nos recusamos a usar o divã, sentimos como se estivéssemos sob o controle de seis pares de olhos, somos incapazes de conter nossas angústias etc.*

A substituição dos pronomes, um truque banal para que nos tornemos sensíveis a uma escuta de campo, colocaria à disposição do analista informações (mesmo que sejam apenas novas perguntas e hipóteses) que, caso contrário, ele não teria. Por exemplo, seria possível que também o analista evitasse o “divã” (um gradiente diferente de oniricidade na escuta?), que – por razões defensivas – ele desejasse um contato mais próximo, que ele precisasse espiar o que está acontecendo com seis pares de olhos etc.

É claro que hipóteses parecidas poderiam ser formuladas também em chave relacional, ou seja, como manifestações de aspectos transferenciais do próprio analista.

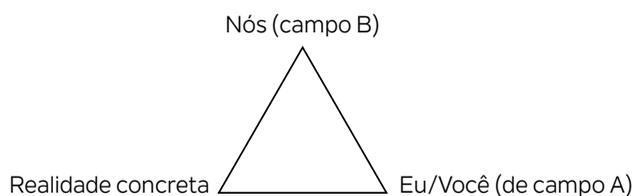
Onde residiria, então, a diferença entre esse tipo de escuta e uma escuta mais de campo?

Enquanto estivermos no Eu/Você *não* de campo, a escuta permanece “suspeita”; há distorções a serem retificadas, e não capacidades a serem expandidas; a investigação das causas da deformação (pouco importa se é do paciente ou do analista) prevalece sobre a busca de sintonização emocional. Se estivermos convencidos do postulado segundo o qual sempre existe também um plano intersubjetivo (comum) em jogo, a emoção inferida da conversa fica parcialmente inconsciente se for atribuída apenas ao paciente ou ao analista; o analista que reconduz a transferência, ou a IP, ou o *enactment*, à história do paciente, por assim dizer, deixa de atuar, aliena-se como um ator brechtiano, passa a se colocar de lado e, portanto, é como se ele desinvestisse o relacionamento, pois torna-se menos vital, tendo menos pistas cognoscitivas de ordem corporal e emocional a sua disposição. Ele se priva da possibilidade, já no próprio ato de se tornar receptivo à verdade do que está acontecendo – escolhendo um determinado ângulo em vez de outro –, de confiar na capacidade inconsciente da dupla ou do pequeno grupo, e de cada um de seus membros, de se representar *verdadeiramente*.

O triângulo dos vértices

Entretanto, também é verdade que, se o analista desejar permanecer o tempo todo em um vértice do Nós, ele seria vigilante demais e não conseguiria realmente “sonhar” a sessão. De fato, como destaca Merleau-Ponty, a psicanálise é uma *rêverie* hermenêutica, isto é, um método de *interpretar o sonho com o sonho*. Esse é o princípio genial de método introduzido por Freud e que, dependendo do caso, requer a adoção de instrumentos de ordem variada: do divã à associação livre, da atenção flutuante ao “círculo” bioniano de Capacidade-Negativa→Fé→Fato-Escolhido. Portanto, é mais realista pensar que o analista se deixa envolver em um jogo dialético entre três posições principais, que podemos representar como o triângulo da escuta. As três polaridades seriam: (1) da realidade concreta (incluindo a “concretude” das teorias que não seriam coerentes com o modelo escolhido, porque talvez sugiram uma ideia do inconsciente como o lugar do mal); (2) do vértice de campo, mas ainda dentro da moldura Eu/Você (*na qual ainda falta a informação final do postulado do compartilhamento inevitável de qualquer emoção inconsciente como do pressuposto básico da dupla*); e, finalmente, (3) do vértice de campo do Nós, em que também temos à disposição essa informação adicional.

Figura 3 – Triângulo dos vértices de escuta



Fonte: Elaboração própria.

As “posições” (2) e (3), repito, configuram vértices de campo quando respeitam os postulados-chave da definição “leiga” de Bion (1962), do inconsciente como função psicanalítica da personalidade, e de Ferro (2007), acerca da virtual transformabilidade em sonho de qualquer elemento narrativo que entre na conversa analítica. Pelo contrário, conforme já mencionado, não entraria em um paradigma de campo um tipo de escuta que – mesmo admitindo a eventualidade de que o analista possa, por algum tempo, agir sem estar realmente ciente do que está fazendo (*enactment*) – permanece em uma moldura Eu/Você, mas está baseada em uma concepção tradicional (freudiana ou kleiniana) de inconsciente e de sonho.

Ninho e menos-ninho (-N)

A. é um paciente que começa, finalmente, a vivenciar as sessões em um clima mais íntimo. Em uma delas, relata que, com dois meses de idade, ele já ficava em uma creche⁷ por um número significativo de horas durante o dia. A mãe precisava trabalhar e não podia cuidar dele. Fala dos pais em termos muito positivos, elogiando sua perseverança e os sacrifícios que permitiram à família sair de uma condição de pobreza. Disseram para ele que, felizmente, na creche havia uma professora muito carinhosa (B.), à qual era muito apegado, algo que tornava suportável a dor da separação vivenciada cada vez como um abandono. A. chora durante quase toda a sessão. A própria analista se emociona e pensa, também em termos positivos, no efeito catártico do desabafo emocional.

A pergunta é: como podemos escutar o relato do paciente? É uma forma de dizer que, às vezes, A. experimenta a sessão como um “ninho” onde está B. e, às vezes, sem B.? Seria uma maneira de usar a lente da transferência e da contratransferência.

A partir de outro ponto de vista, mais relacional, a analista poderia se perguntar se, realmente, ela não estaria se comportando de forma a tornar a análise um “ninho” em -K, ou seja, um *-ninho*.

Até agora, os três vértices mais clássicos (freudiano, kleiniano e relacional) foram levados em consideração, cada um deles trazendo um conceito-chave. Na ordem, seria:

- 1) Você me vê (representação) como uma mãe não disponível.
- 2) Você me faz sentir (emoção/afeto) como você se sentiu com uma mãe não disponível (IP concordante) ou como ela (IP complementar).
- 3) Você me fez atuar (ação) como uma mãe não disponível.

Uma quarta opção seria pensar que *ninho* ou *menos-ninho* descrevem nada mais do que a qualidade emocional da função de vínculo em um determinado momento. Dessa forma, a analista evita uma visão dicotômica que a obrigaria a decidir entre três

7. O termo usado pelo autor, em italiano, é *nido*, que em português significa tanto “creche” quanto “ninho”. Portanto, no texto original em italiano, o título da seção (*nido e meno-nido [-N]*) utiliza a mesma palavra que representa o lugar onde o paciente era deixado quando bebê (*nido*). Não existindo em português um termo com a mesma dupla acepção, optamos por manter “ninho” em vez de “creche” no título da seção, para que a letra “N” pudesse ser conservada. (N.T.)

tipos de deformação (por transferência, por IP, por *enactment*) do paciente ou até mesmo dela. A analista consideraria a informação sobre o tipo de funcionamento, a princípio, como *verdadeira*. Eu diria mais: é o próprio conceito de verdade que precisa ser reformulado (Civitarese, 2013, 2016). Poderia facilmente acontecer que, do ponto de vista de um observador externo, a dupla estivesse mentindo para si mesma, e o nó desse outro plano de consensualidade acabaria se mostrando mais cedo ou mais tarde. Contudo, nesse entretempo, eles estariam sempre no Nós. O risco de instaurar relações de domínio ditadas por uma escuta suspeita seria eliminado ou bastante reduzido.

A diferença é evidente. Se, em uma galeria de arte, estivermos contemplando um dos “acrílicos e *sangue sobre tela*” de Hermann Nitsch, intitulados *Schüttbild*, usaríamos o *luminol* para detectar as manchas latentes de sangue e reconstruir a cena de um suposto crime, ou questionaríamos as intenções do autor e as nossas reações? A questão não é tanto se envolver em reconstruções causalistas, mas reconhecer, e reconhecer a si mesmo, que a imagem é o boletim meteorológico da situação, tratando-se apenas de ver o que fazer para limitar ou invalidar os efeitos negativos. *Sair da dimensão casualista da culpa é, por si só, terapêutico, visto que significa redimensionar o Supereu cruel e reconstruir a confiança de base*. O mais importante para o paciente é ser entendido em seu sofrimento.

O mar de tédio

Com uma paciente, a quem chamarei de E., experimentei por muito tempo um sentimento intenso de tédio. Ou melhor, de tédio e de sutil repulsa. Não saberia explicar bem o porquê. Parecia-me que ela tinha uma alma encolhida, uma visão limitada das coisas, uma pátina de narcisismo infantil misturada a uma tendência teimosa de racionalizar tudo, e assim por diante.

Porém, com o passar do tempo, e não sem certa surpresa, passei do desinteresse provocado pelo tédio ao interesse provocado por *quão* chata, insignificante e antipática ela me parecia. A mudança foi surpreendente. De certa forma, devo ter me sintonizado com seu drama, que é o de parecer a todos uma mulher sem qualidades.

Em retrospectiva, eu poderia dizer que, por meio da IP, E. colocava em mim um sentimento que, embora conhecesse muito bem, em outro nível ela não podia se permitir reconhecer – isto é, que todos os seus relacionamentos estavam marcados por uma falta semelhante de vitalidade e de envolvimento.

Se levarmos em consideração o nosso triângulo das “posições”, eu poderia usar um vértice de realidade, e então pensaria na história passada de E. e no *quão* difícil devia ser para ela se envolver em relacionamentos significativos; ou usar um vértice de realidade das teorias psicanalíticas da transferência, contratransferência e da IP (concordante ou complementar), e, assim, pensar que ela devia ter tido um objeto apático, entediante ou pouco vital; ou, ainda, usar o vértice da realidade do *enactment*, fazendo com que E. me induzisse efetivamente a ser, para ela, um objeto “entediante” para fins manipuladores etc.

Contudo, eu poderia também usar os dois vértices de campo. No primeiro (Eu/Você), eu poderia pensar que a verdade emocional que *lhe* diz respeito ou que *me* diz respeito seria aquela de ela ser muito “entediante”, ou eu para ela muito “entediante”, e que isso é verdade – ou seja, não representa uma “deformação” ou um mal-entendido. A personagem “objeto entediante” circula no ar, embora, dependendo do caso, fale somente de uma ou somente do outro.

A partir do vértice do Nós, eu referiria a mesma personagem como holograma emocional da dupla não a E. ou a mim, mas principalmente à qualidade emocional do vínculo existente entre nós em uma determinada fase. Ou seja, eu veria aqui uma função, perguntando-me se tal função está fazendo o que deveria fazer, ou seja, promover o crescimento ou não. Se a resposta fosse negativa, eu tentaria conscientemente mudar alguns dos fatores que compõem essa função para reverter seu sentido.

A última gravação de M.

Só posso escutar. Uma ladainha de pensamentos depressivos, um após o outro, um longo monólogo sombrio.

Sinto-me preenchido, durante muito tempo, por uma sensação de desamparo e de inutilidade.

Em determinado momento, a minha atenção desperta de maneira surpreendente. Reparo na qualidade estética da forma de falar da paciente que, de repente, parece-me muito bonita, intensa, profunda. É a mesma sensação – vem à minha mente em uma sessão – que experimentei, às vezes, ao assistir alguma *pièce* de Beckett, por exemplo, *Dias felizes* ou *A última gravação de Krapp*.

Talvez tenha sido a associação com essa célebre obra do grande dramaturgo, mas *de imediato faço a fantasia de gravar as palavras de M., pois fico entristecido com a ideia de que algo tão comovente e luminoso venha a ser irreversivelmente perdido*. É claro que não posso fazer nada disso, e o tempo passa enquanto me sinto tomado por um estado misto de emoção, por aquilo que estou ouvindo, e de tristeza, porque é como areia escorregando das minhas mãos.

O tema da vida que não se pode reter nem viver é exatamente o que M. está me contando, e tudo isso pode ser visto naturalmente como uma IP bem-sucedida. M. conseguiu me fazer sentir o que ela sente por meio de sua especial habilidade “artística” de falar de si. O desamparo inicial seria o mesmo experimentado por uma criança cuidada por uma mãe insensível. O fato de eu ter conseguido não me intrometer com tentativas forçadas de me mostrar vivo e atento, aceitando ser um espectador silencioso, poderia ter tido o efeito de tornar a dor tolerável.

Contudo, outra lente pode ser utilizada. A dupla passou de uma modalidade de funcionamento para outra. A *rêverie* foi o ponto de virada – como uma nova capacidade e intimidade que a escuta conscientemente paciente do analista permitiu alcançar. Ainda que tenha surgido na mente do analista, quando vista à luz do conceito de campo, ela representa o sonho comum do pequeno grupo de duas pessoas.

Reconhecimento

Com base no que foi dito até aqui, é evidente que, para mim, a ação terapêutica principal reside na mente do analista, no momento em que “interpreta” o que está acontecendo, redescobrimo-se parte da história; inevitavelmente, ele responde com uma *intensificação* das ressonâncias corporais e afetivas, reinvestindo assim o tratamento, o método, o paciente e a dupla. Por fim, deixa-se guiar pelas intuições que reuniu dessa forma para se envolver, com o paciente, em uma *conversa* que seja o mais simples e direta possível, mas... significativa.

“Conversa” pode também significar “silêncio”, e o fato de que deveria possivelmente ser “significativa” quer dizer que visa desempenhar uma função de continência e transformação, ou seja, é voltada a reequilibrar a dialética da identidade e da diferença, de cujo funcionamento satisfatório nasce o sujeito. Em outras palavras, o objetivo é o *reconhecimento* recíproco, o *at-one-ment*, a construção e o fortalecimento de vínculos inter e intrapsíquicos. O reconhecimento não é algo superficial, voluntarista e fácil. Para Hegel, ao contrário, ele envolve uma luta mortal. Se fracassar, as consequências podem ser letais, desde a arrogância como traço do comportamento, passando pelo sintoma, até o suicídio.

É o que acontece com Antígona, que, na *unilateralidade* trágica do seu amor pelo irmão falecido, não leva em consideração o amor expresso nas leis da comunidade, sendo estas, na tragédia de Sófocles, representadas por Creonte. A conversa, repito, pode também ser muda, mas, quando o analista redescobre um vértice do Nós, isso não pode mudar a sua configuração emocional, não pode deixar de ser transmitido ao campo e ao paciente e, portanto, ser refletido em transformações do clima da sessão.

Dez chibatadas

O paciente se queixa constantemente com o analista por não conseguir parar de trair sua esposa. É uma verdadeira compulsão. O analista tenta empatizar um pouco, destaca o aspecto da coerção, a vergonha, faz com que ele se lembre da mãe, que o criticava sempre. Contudo, de repente, diz uma frase da qual se arrepende no mesmo momento, não entendendo como poderia tê-la pronunciado.

Fala ao paciente que “se alguém tiver que fazer algo que é realmente difícil de suportar [as autoacusações, o remorso], então quem sabe deveria pedir a um amigo que lhe dê dez chibatadas primeiro, daí pelo menos saberá por que está sofrendo”. A reação de espanto do paciente é imediata, mas ele se limita a perguntar, em tom comedido, qual seria a conexão com aquilo de que estavam falando...

Vista sob a ótica da IP, a frase que “saiu desenfreada” poderia ser interpretada como a expulsão, por parte do paciente, de um aspecto sádico-persecutório no analista. A fonte seria o cruel Supereu, que maltrata suas tentativas de ganhar um pouco de liberdade. É verdade que o paciente coloca em prática as próprias transgressões, mas elas parecem ser o banho de sol de um condenado à prisão perpétua. São carregadas de sofrimento, meras ações de descarga.

De um ponto de vista de campo, a chibatada⁸⁾ representada pela frase incauta, que suscita confusão e desorientação em ambos, é a figura gestáltica com a qual a dupla conta para si mesma o estado emocional de frustração permeada de culpa que está vivenciando na sessão. Não existe manipulação de uma pela outra, mas apenas o esforço conjunto de entrar em contato, mesmo com dificuldade, com algo que está no ar e intoxica a dupla.

Aquilo que o paciente deseja e mais precisa, e também o analista de forma simétrica, é que se reconheça *a verdade de como está se sentindo*. Para o analista, redescobrir-se a cada vez como parte do Nós, isto é, fazer contato também com as próprias emoções inconscientes, e não apenas com as do paciente, é uma maneira de reconhecer a si mesmo (reconhecer-se), além de reconhecer o outro. Como Valéry escreve (1926, citado por Magrelli, 2002): “Lembre-se de que você não poderia se reconhecer em um Espelho caso não visse outra pessoa nele” (p. 76).

Nuevas perspectivas a cerca de la Teoría del Campo Analítico

Resumen: El autor propone algunas innovaciones en la Teoría del Campo Analítico originadas en las consideraciones que ha realizado de algunos pares (binarios) de conceptos tales como: *reconocimiento / arrogancia, Yo-Tú / Nosotros, deformación / transformación, lego / confesional, interpretación / charla, auto malentendido científico / religioso, factores variables / invariables de la función psicoanalítica, yo-grupo / yo-masa, ejercicios / improvisación*, etc. Con la finalidad de articular estas oposiciones conceptuales en una especie de esquema personal, propone el uso de tres instrumentos: la *brújula del Inconsciente*, el *triángulo de los vértices de escucha* y el *círculo de la Capacidad Negativa*. En el presente artículo científico, busca examinar los principales puntos de estas proposiciones enunciadas, incluyendo los ejemplos clínicos ilustrativos.

Palabras clave: campo analítico, reconocimiento, transformación, invariantes del psicoanálisis, brújula del Inconsciente

New perspectives on Analytic Field Theory

Abstract: The author proposes innovations in the Analytic Field Theory by considering several binary pairs of concepts, such as *recognition/arrogance, I-you/ We, deformation/transformation, lay/confessional, interpretation/conversation, scientist/religious self-misunderstanding, variable/invariant factors of the*

8. O autor utiliza, neste ponto e no título da vinheta, a palavra italiana *frust(r)ata*, a qual faz referência tanto à *frustata* (chibatada), quanto à palavra *frustrata*, com r na segunda sílaba, sendo essa o participio do verbo *frustrare* (frustrar). Por isso, logo a seguir, é mencionada a “frustração” vivenciada na sessão e, no final do parágrafo, o autor afirma (frase retirada da tradução por se referir apenas a uma questão ortográfica do italiano) que, quando escreveu o título da vinheta pela primeira vez, ele se enganou e escreveu *10 frustrate* [em vez de *10 frustate*]. (N.T.)

psychoanalytic function, I-group/I-mass, exercises/improvisation, and so on. To organize these conceptual oppositions into a personal schema, the author proposes three instruments: the *compass of the unconscious*, the *triangle of listening vertices*, and the *circle of Negative Capability*. This article aims to examine the main points of these propositions, including illustrative clinical examples.

Keywords: analytic field, recognition, transformation, invariants of psychoanalysis, compass of the unconscious

Referências

- Abram, J., & Hinshelwood, R. D. (2018). *The clinical paradigms of Melanie Klein and Donald Winnicott: comparisons and dialogues*. Routledge.
- Bion, W. R. (1962). *Apprendere dall'esperienza*. Armando.
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Armando.
- Civitarese, G. (2013). The grid and the truth drive. *The Italian Psychoanalytic Annual*, 7, 91-114.
- Civitarese, G. (2016). Truth as immediacy and unison: a new common ground in psychoanalysis? Commentary on essays addressing "Is Truth Relevant?". *Psychoanalytic Quarterly*, 85, 449-501. <https://doi.org/10.1002/psaq.12081>
- Civitarese, G. (2019). On Bion's concepts of negative capability and faith. *The Psychoanalytic Quarterly*, 88, 751-783. <https://doi.org/10.1080/00332828.2019.1651176>
- Civitarese, G. (2020). Regression in the analytic field. *Romanian Journal of Psychoanalysis*, 13, 17-41. <https://doi.org/10.2478/rjp-2020-0015>
- Civitarese, G. (2021a). Bion's graph of "in search of existence". *The American Journal of Psychoanalysis*, 81, 326-350. <https://doi.org/10.1057/s11231-021-09306-x>
- Civitarese, G. (2021b). The limits of interpretation: a reading of Bion's "On Arrogance". *International Journal of Psychoanalysis*, 102, 236-257. <https://doi.org/10.1080/00207578.2020.1827954>
- Civitarese, G. (2022). *Sull'arroganza: saggio di psicoanalisi*. Jaca Book.
- Civitarese, G. (2023a). On Bion's concept of truth in an extra-moral sense. *American Journal of Psychoanalysis*, 83(4), 495-519. <https://doi.org/10.1057/s11231-023-09430-w>
- Civitarese, G. (2023b). Tutto quello che non bisogna assolutamente fare. In F. Rivara & G. Nespola (Eds.), *E tu cosa diresti al paziente? Eserciziario di psicoterapia psicoanalitica* (pp. 1-18). Armando.
- Civitarese, G. (2023c). We-ness as an expansion of Bion's psychoanalytic function of intuition. *Fort Da*, 39, 7-16.
- Civitarese, G., & Boffito, S. (2023). Greek chorus and the tactful therapist. *Psychoanalytic Inquiry*, 43(7), 526-538. <https://doi.org/10.1080/07351690.2023.2257581>
- Civitarese, G. (2024a). Does it appear to 'resemble' reality? On the ethics of psychoanalytic writing. *Psychoanalytic Quarterly*, 93(1), 105-134. <https://doi.org/10.1080/00332828.2024.2319642>
- Civitarese, G. (2024b). Intuition and we-ness in Bion and post-Bionian field theory. *International Journal of Psychoanalysis*, 105, 13-39. <https://doi.org/10.1080/00207578.2023.2247051>
- Civitarese, G. (no prelo). We-community e Ieinandersein: notes in the margins of Husserl's legacy. *Psychoanalytic Inquiry*.
- Ferro, A. (2007). Il paziente miglior collega: trasformazione in sogno e trasformazioni narrative. *Rivista di Psicoanalisi*, 53(4), 1083-1090.

- Freud, S. (1967). *Opere di Sigmund Freud: Vol. 3. Opere 1899: L'interpretazione dei sogni* (2a ed.). Boringhieri. (Trabalho original publicado em 1899)
- Freud, S. (1978). Il disagio della civiltà. In *Opere di Sigmund Freud: Vol. 10. Opere 1924-1929: Inibizione, sintomo e angoscia e altri scritti* (pp. 553-630). Boringhieri. (Trabalho original publicado em 1929)
- Freud, S. (1979a). Lezione 31: La scomposizione della personalità psichica. In *Opere di Sigmund Freud: Vol. 11. Opere 1930-1938: Mosè e il monoteismo e altri scritti* (pp. 185-189). Boringhieri. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1979b). I miei rapporti con Josef Popper-Lynkeus. In *Opere di Sigmund Freud: Vol. 11. Opere 1930-1938: Mosè e il monoteismo e altri scritti* (pp. 305-314). Boringhieri. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S., & Andreas-Salomé, L. (2010). *Eros e conoscenza: lettere 1912-1936*. Bollati Boringhieri.
- Magrelli, V. (2002). *Vedersi vedersi: modelli e circuiti visivi nell'opera di Paul Valery*. Einaudi.
- Momigliano, L. N. (1992). *Continuities and changes in psychoanalysis: letters from Milan*. Routledge.
- Ogden, T. H. (1996). Reconsidering three aspects of psychoanalytic technique. *International Journal of Psychoanalysis*, 77, 883-899.
- Ogden, T. H. (2019). Ontological psychoanalysis or "What do you want to be when you grow up?". *Psychoanalytic Quarterly*, 88, 661-684. <https://doi.org/10.1080/00332828.2019.1656928>
- Ricoeur, P. (1965). *Della interpretazione: saggio su Freud*. Il Saggiatore.
- Switzer, A. (2014). Psychoanalysis. In L. Lawlor & J. Nale (Eds.), *The Cambridge Foucault lexicon* (pp. 411-418). Cambridge University Press.
- Terman, D. M. (2014). Self psychology as a shift away from the paranoid strain in classical analytic theory. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 62(6), 1005-1024. <https://doi.org/10.1177/0003065114557864>
- Winnicott, D. W. (2016). The use of an object and relating through identifications. In *The collected works of D. W. Winnicott: Vol. 8. 1967-1968* (pp. 355-364). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/med:psych/9780190271404.003.0066> (Trabalho original publicado em 1968)

Giuseppe Civitarese

Endereço: Via Teodorico, 8. Pavia, Itália.

CEP: 27100

E-mail: gcivitarese@gmail.com